



A presença portuguesa no Theatro da Paz às vésperas da retomada das temporadas de ópera em Belém do Pará

Mário Alexandre Dantas Barbosa*

Resumo

O presente artigo oferece um panorama da presença de música e músicos portugueses no principal palco da capital paraense, o Theatro da Paz, ao fim de um triênio marcado pela ausência de temporadas de ópera. O levantamento aqui realizado, fruto de pesquisa em periódicos de época, cobre o segundo semestre de 1899 e mostra como a sociedade belemense foi suprida nesse período por espetáculos de gêneros afiliados ao teatro musicado. Busca dimensionar a importância do trânsito cultural de artistas e repertórios de origem lusitana no efervescente centro artístico do Norte do Brasil no apogeu de sua *Belle Époque*.

Palavras-chave

Relações culturais Brasil e Portugal – Belém do Pará – século XIX – opereta – teatro musical – companhias de ópera.

Abstract

This article provides an overview of the presence of Portuguese music and musicians on the main stage of the Pará state capital, the Theatro da Paz, after a three-year period marked by the absence of opera seasons. This survey approached coeval newspapers of the second half of 1899, and shows how the Belem society was supplied with spectacles from an array of music theater genres during this period. This study estimates the importance of cultural transit of artists and repertories of Portuguese origin in the effervescent artistic center in Northern Brazil at the height of its *Belle Époque*.

Keywords

Brazil and Portugal cultural relations – Belém do Pará – 19th century – operetta – music theater – opera companies.

*Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: malexdantas@gmail.com.



Após a conclusão das atividades da companhia do empresário Joaquim Franco, em dezembro de 1896, o palco de célebres temporadas de ópera ficaria pelos três anos seguintes sem sediar um espetáculo do gênero. O Theatro da Paz constituiu o espaço *par excellence* onde a sociedade belemense se acostumara a frequentar para assistir aos espetáculos líricos. Nesse interregno da cronologia lírica de Belém a programação artística daquela casa sofreu uma diversificação, a partir da qual a demanda das elites pelo consumo de produtos culturais foi suprida num contexto em que a linha ascendente da economia favorecia a efervescência artística e opções se faziam necessárias. Em novembro de 1899 o governo do Estado do Pará divulgou a abertura do certame para o arrendamento do Theatro da Paz a fim de que, no âmbito das comemorações do IV Centenário Brasileiro fosse possível oferecer à população de Belém a oportunidade de assistir a óperas. Nos trabalhos voltados para a cronologia lírica de Belém (Páscoa, 2006; 2009) constam listas que identificam os nomes das companhias de teatro musical, bem como de seus respectivos maestros e empresários, carecendo, ainda, de uma abordagem mais detalhada e aprofundada a questão das atividades realizadas no Theatro da Paz nos períodos de suspensão das temporadas operísticas. No primeiro semestre de 1899, a programação teve predominância de peças teatrais (ver *A Província do Pará*, 15 ago. 1899, p. 2; e edições anteriores). Já no segundo semestre daquele mesmo ano duas companhias excursionaram pela capital paraense – a Companhia Portuguesa de Operetas e a Companhia Infantil do Rio de Janeiro – exibindo operetas e revistas, respectivamente, no Theatro da Paz.

Ao acompanhar-se o desenvolvimento das atividades dessas duas companhias através dos registros da imprensa diária da época, percebe-se a patente presença de música e músicos portugueses, aspecto que será explorado nas páginas que se seguem.

OPERETAS COM A COMPANHIA PORTUGUEZA

A expectativa da chegada de uma companhia de operetas surge logo ao ser anunciado: “A 15 de setembro espera-se n’esta capital a companhia de operetas de dom Thomaz del Negro, actualmente em Manaus¹. Trabalhará no theatro da Paz.” (*A Província do Pará*, 22 ago. 1899, p. 3, seção Espectáculos e Concertos)

Próximo ao fim do mesmo mês o público já tinha acesso às informações com relação ao repertório e preços a serem praticados pela Companhia:

Theatro da Paz/ Companhia de Operetas Portuguesa/ dirigida pelo maestro Thomaz del Negro/ Empreza- Juca de Carvalho [...]



Trinta coristas de ambos os sexos./ Repertorio - Operetas - Noite e dia, Basoche, Rei damnado, Vinte e oito dias de Clarinha, Solar dos Barrigas, Mascotte, Capitão Lobisomem, Burro do sr.. Alcaide, Princesa Colombina, Moleiro Alcalá, Ilha do diabo, Bohemia Coimbrã, Mlle. Nitouche, Tim-tim por tim-tim, Agulhas e Alfinetes e a Boneca. Comedias - [...] Acha-se aberta uma assignatura de 20 récitas com 10 peças novas, na agencia theatral Very-well, á travessa Campos Salles, nº11. Preços [Frizas, Camarotes de 1ª, Frizas de 1ª e Ditas de 2ª por assignatura e avulso] (*A Provincia do Pará*, 27 ago. 1899, p. 8)

Precedida por um período preenchido pelas apresentações de *Os Três Bemóes*, que pelo menos até as comemorações da Independência estiveram em cartaz no principal teatro de Belém (*A Provincia do Pará*, 6 set. 1899, p. 7, seção Anuncios Especiaes), a estreia da Companhia Portuguesa de Operetas é anunciada:

Theatro da Paz/ Companhia Portuguesa de Operetas/ Dirigida pelo Maestro Thomaz del Negro; Empreza Juca de Carvalho/ Esta companhia deve estrear na noite de 16 do corrente com o formoso Vaudeville Os vinte oito dias de Clarinha peça muito applaudida do nosso publico em que a primeira actriz Amelia Lopiccolo tem uma das suas melhores creações. (*A Provincia do Pará*, 14 set. 1899, p. 8)

Embora a estreia da Companhia tenha se dado com um *vaudeville*², a apresentação de uma opereta, gênero principal a que se dedicava, se deu logo em seguida, com *O Rei que Damnou* (*A Provincia do Pará*, 24 set. 1899, p. 4, seção Espectaculos e Concertos). Tal episódio foi digno de extensa nota apreciativa por parte da imprensa:

Nenhum dos nossos frequentadores de theatro desconhece de certo a bella opereta de Chapi O rei que damnou, pela primeira vez levada á scena no theatro da rua dos Condes, de Lisbôa, em maio de 1893 e aqui, em Belém, muitas vezes repetida, sempre com geral successo. Foi esta peça escolhida pela companhia portugueza de operetas para a sua 2ª récita livre, no theatro da Paz, ante-hontem á noite. Agradou-nos sobremodo o trabalho da intelligente artista Amelia Lopiccolo, que vem já precedia de justa e merecida nomeada e que tantos applausos tem colhido nos primeiros theatros da capital da União. Deun-os um

² Os dados colhidos em fontes primárias e aqui expostos sobre a chegada da Companhia Portuguesa de Operetas divergem de Salles (1994, p. 171) que informa que a mesma se deu “a 21 de setembro, a bordo do paquete S. Salvador”, o mesmo ocorrendo com relação à estreia, sobre a qual afirma ter sido “a 22 [de setembro], com a opereta *A noite e o dia*, de Ch. Lecocq”.



rei perfeito, cheio de encanto e da graça natural d'um monarcha juvenil, que se deixa levar pela própria phantasia. No duetto com a Rosa, papel desempenhado pela sra. Aurelia dos Santos, actriz de reconhecida competencia, a platéa foi prodiga em applausos para ambas. Esta ultima artista cantou com tal expressão e sentimento a aria do 2º acto, que os espectadores cobriram-n'á de freneticas palmas, obrigando-a a bisar aquelle trecho. Os artistas estreantes Caetano Reis, Encarnação Reis e o nosso conhecido e apreciado Rangel Junior, o Jeremias, estiveram na altura dos respectivos papeis e muito contribuíram para o brilhante desempenho da peça. Córos muito bem ensaiados, e a orchestra dócil á batuta do notavel maestro Thomaz del Negro. A assistência enormissima e selecta. Em 2ª récita de assignatura a companhia repetirá hoje O rei que damnou. (*A Provincia do Pará*, 26 set. 1899, p. 2, seção Espectaculos e Concertos)

Os comentários críticos alusivos às operetas, como exemplifica a nota acima transcrita, põe em evidência não a música propriamente dita, mas a atuação dos artistas. O que pode ser justificado pela familiaridade do público com o repertório apresentado, como é por vezes apontado em meio aos anúncios, confirma-se como traço característico da crítica da época, podendo ser ilustrado fartamente. Sem que seja necessário apresentar todas as situações similares, veja-se o exemplo dado na apreciação de outra obra:

Os vinte e oito dias de Clarinha é até hoje a peça mais feliz da temporada que no theatro da Paz devemos á empresa de Juca de Carvalho. Falemos pela ordem hierarchica dos merecimentos. Não é possível; além de se terem sahido bem e muito bem todos os artistas, acontece que Alfredo de Carvalho e Amelia Lopiccolo disputam com as provas do melhor desempenho uma primasia de qualquer distincção impossivel entre os dois. Joaquim Costa, emulo d'esses bellos talentos scenicos, não pode acompanhá-los na noite de ante-hontem, quando, ainda, elle creou o seu papel. Apesar da mestria com que o interpretava, notou-se uma certa desaffinidade entre o papel e o artista. Caetano Reis e Alfredo Miranda conseguiram um magnifico resultado. O de Berenice teve em Aurelia dos Santos, a primeira voz da companhia, uma traducção regular. F. Santos foi-se inescedivelmente no de Benoit. Póde-se gabar de que nas proporções do que lhe tocou desempenhar, não desmereceu coisa alguma de Alfredo de Carvalho e de Joaquim Costa. Mas excedeu uma só linha a pericia encantadora com que se



exibiu ante-hontem Encarnação Reis no papel de Nichote. Todos, enfim, victoriosos e consagrados por um largo entusiasmo de palmas e aclamações. Parece que o elencho todo encontrou o ensejo de se impôr ao publico paraense, n'uma peça que nem sendo feita adrede para a companhia. Iamos commettendo uma injustiça, deixando de declinar o nome de R. Plantier, que se irmanou perfeitamente com os auctores da opereta no papel do visconde. (*A Provincia do Pará*, 5 out. 1899, p. 3, seção Espectaculos e Concertos)

O ator português Alfredo de Carvalho, citado em primeiro lugar na hierarquia estabelecida pelo crítico ao comentar *Os Vinte e Oito Dias de Clarinha*, unira-se ao grupo um pouco depois da estreia da Companhia. Sua chegada e procedência foram informadas ao público:

Procedente do Rio, chegou hontem no Maranhão [nome do barco], o notável actor portuguez Alfredo de Carvalho, que vem fazer parte da companhia que actualmente trabalha do theatro da Paz. É possível que este apreciado artista se estreie na proxima sexta-feira na festejada opereta O solar do Barrigas. Fala-se que o actor Joaquim Costa, habil ensaiador da companhia Del Negro, partirá brevemente para a Europa, onde tem de attender aos contractos que ali tem. (*A Provincia do Pará*, 27 set. 1899, p. 3, seção Espectaculos e Concertos)

O *status* que este ator conferia às récitas da companhia em que atuava pode ser corroborado também no destaque que é feito ao seu nome em outras notas, como exemplifica a que se segue:

Theatro da Paz/ Empresa Juca de Carvalho/ [...] Hoje Sabbado, 30 de setembro Hoje/ 8º espectáculo da companhia - 4ª récita livre/ **Reparição do actor Alfredo de Carvalho** com a segunda representação da popularissima opereta portugueza, em 3 actos, original dos applaudidos escriptores Gervasio Lobato e dom João da Camara, musica do conhecido maestro Cyriaco de Cardoso. O Burro de Sr. Alcaide. (*A Provincia do Pará*, 30 set. 1899, p. 8, grifo nosso)

A impossibilidade da atuação de Alfredo de Carvalho num dos espetáculos previstos pela Companhia Portuguesa de Operetas, uma vez que se encontrava adoentado, gerou uma mudança de última hora na programação. Este episódio desencadeou uma reação singular da plateia do Theatro da Paz. Tal reação, obviamente, virou notícia:

169



Por motivo de continuar doente o distincto actor Alfredo de Carvalho, a empresa Juca de Carvalho, teve hontem de fazer contra-annuncio, que foi publicado ás 10 horas da manhã, para o espectáculo annuciado, substituindo a opereta O burro do sr. Alcaide pelo Moleiro de Alcalá. Muitas pessoas que não tinham conhecimento d'este aviso, compraram convites, na persuasão de ser a peça annunciada e, depois de começar o espectáculo, notando o engano, foram receber na bilheteria a importancia dos respectivos bilhetes. Porém uns espectadores d'um camarote de 1ª ordem, não entenderam assim, e querendo dar uma prova publica de sua pouca educação, começaram, no principio do segundo acto, com dichotes e risadas, que provocaram a indignação geral e perturbaram o espectáculo. Isso fez com que um espectador, também dos camarotes, fosse observar aos engraçados que aquillo não era maneira decente de proceder, dando como resultado maior balburdia. Um outro espirituoso gritou que havia incendio, o que fez com que muitas pessôas, avultando entre ellas as senhoras, se levantassem para fugir. Comparecendo o sr. Luiz Couto, subprefeito no 5º districto, fez apasiguar os animos, continuando depois o espectáculo sem outro incidente. Para descanço do pessoal da companhia não haverá hoje espectáculo, estando annunciado para amanhã a primeira representação de O Solar dos Barrigas. (*A Provincia do Pará*, 9 out. 1899, p. 2, seção Espectaculos e Concertos)

A companhia contou com a ausência de Alfredo de Carvalho até meados de outubro, quando já no adiantado da 10ª récita de assinatura era por fim anunciado o seu restabelecimento e retorno às atividades na esperada atuação em *O Solar dos Barrigas* (*A Provincia do Pará*, 17 out. 1899, p. 04, seção Espectaculos e Concertos). Nesse ínterim, a companhia teve de contornar a situação da ausência do ator adoentado, lançando mão de substituições em alguns papéis que estavam a seu cargo por outro ator, como por exemplo, Alfredo Miranda (*A Provincia do Pará*, 10 out 1899, p. 08).

A programação do Theatro da Paz, naquele momento arrendado por Juca de Carvalho, incorporava as datas comemorativas do calendário belemense, às quais davam ocasião para a apresentação de mais operetas da Companhia Portuguesa. Exemplo disso é o anúncio para as festividades alusivas ao 407º aniversário do descobrimento da América, para o qual foi previsto um espetáculo de gala, com a reapresentação de *O rei que damnou*, peça que, de acordo com o anúncio, a Companhia desempenhava "com grande êxito e brilhantismo" (*A Provincia do Pará*, 12 out. 1899, p. 3, seção Espectaculos e Concertos).



A direção musical dessa companhia estava a cargo de outro destacado músico português, o maestro Thomaz Del Negro (Lisboa, 5 de junho de 1850 – Lisboa, 12 de fevereiro de 1933)³. Embora o vasto repertório que a companhia levou à cena no período em que atuou no Theatro da Paz contasse em sua maioria de peças da lavra de diferentes compositores, também o seu maestro se fez representar algumas de suas peças. *A Basoche*, baseada em libreto francês de Albert Careé, recebeu tradução que foi musicada por Del Negro e foi apresentada no contexto das honrarias a José Marreiros, comandante do paquete português Dona Amelia (Ver *A Provincia do Pará*, 11 out. 1899, p. 3, seção Espectaculos e Concertos, p. 3 e *A Provincia do Pará*, 13 out. 1899, p. 4, seção Espectaculos e Concertos)⁴. Ao informar o público dois dias depois sobre o êxito da récita de *A Basoche*, musicada por Del Negro, a crítica também deixa saber um pouco sobre o histórico da composição, bem como o tom da estória e primeira recepção de sua versão original:

A Basoche, opera-comica franceza em 3 actos, que o publico teve hontem occasião de applaudir no theatro da Paz, levada pela companhia de operetas portugueza, é devida á pena do librettista Albert Carré, sendo a musica do original escripta pelo maestro André Mesager. Foi pela primeira vez representada com grande sucesso na Opera Comica, de Paris, em 30 de maio de 1890. O libretto, pullulante de inverossimilhanças, põe em scena, d'um modo assaz burlesco para não dizer ridículo, o rei de França, Luiz XII, sua esposa Maria da Inglaterra, irmão de Henrique VII e o gentil poeta Clament Marot, que se fingia mais tolo do que realmente era. Devido não só á sua movimentação como ao fino primor de que está cheia, a peça obteve extraordinário exito da parte do publico parisiense, contribuindo também para o successo a musica que é viva, scintillante e, por isso, deleitavel ao ouvido. Foram por essa occasião interpretados principaes papeis da Basoche as artistas Landouzy et Molé-Thuffier e os actores Soulacraix, Fugère, Carbenne, Barnolt e Maris. A partitura da traducção original do maestro Thomaz Del Negro, é, por sua vez, um mimo que em nada desmerece da primitiva e que bastante contribuiu para o exito do spectaculo de hontem. O theatro esteve litteralmente cheio. Os dois camarotes contiguos ao do governador do Estado foram occupados pela officialidade do Dona Amelia e mais

³ O levantamento sobre a imprensa portuguesa do século XIX, publicado pela Biblioteca Nacional de Lisboa, Portugal, sob a coordenação e organização de Gina Guedes Rafael e Manuela Santos (2001), menciona Thomaz Del Negro diversas vezes, porém não registra sua atuação em Belém do Pará. Brasil.

⁴ Em outubro também se dá o ciclo de comemorações alusivo ao Círio de Nazaré, momento em que o maestro Del Negro teria aproveitado para “montar espetáculos mais populares” (Salles, 1994, p. 172).



doze, pela respectiva guarnição. A senhora Lopiccolo fez-se ouvir em tres cançonetas, sendo em todas ellas muito applaudida./Aurelia dos Santos, extre-programma, abrilhantou o espectaulo cantando tambem uma romanza. (*A Provincia do Pará*, 14 out. 1899, p. 2, seção Espectaculos e Concertos)

A propósito da referência a Del Negro como diretor musical da Companhia Portuguesa de Operetas e compositor de uma das peças por ela postas em cartaz, vale a pena ressaltar que o fim das atividades da referida Companhia, que se deu em dezembro do mesmo ano em que começou, foi brindado com demonstração de reconhecimento ao talento desse músico e da apreciação que o público e seus colegas de dentro e fora da Companhia nutriam por ele. Ao tomar ciência da despedida de Del Negro dos palcos paraenses, o jornal diário de maior circulação daquele Estado ofereceu ao público leitor o histórico da carreira acadêmica e artístico-profissional do músico português, em extensa nota:

Maestro Thomaz Del Negro - Entregue á laboriosidade do seu cargo de empresario e director da orchestra da companhia portugueza de operetas que acaba de nos deixar, mal teve tempo para uma modesta ividenciação, despercebida tem sido entre nós a estada de Thomaz Delnegro, uma incontestavel individualidade musical do paiz nosso irmão e amigo. Para os que andam ao corrente da actividade da vida artistica dos grandes centros europeus e que acompanham o movimento d'esses meios de arte - para esses, diziamos, o nome que epigrapha estas linhas não é o de um desconhecido; desde annos e bem annos que a sua reputação se tem vindo fazendo, consolidando-se no merito, fortificando-se no esforço intelligente, alentando-se nas próprias dificuldades que aqui como em toda a parte surgem aquelles que trilham a verdade da arte. Está hoje entre nós, e muito não é que esta secção, dedicada exclusivamente á divulgação de tudo que de perto ou de longe se ligue a coisas de arte, registre a sua estada no Pará, noticie mesmo o seu breve apparecimento em publico, rodeado e solicitado como está pelas nossas melhores summidades musicaes. Motivos estranhos ao nosso espontaneo desejo fazem com que deixemos escapar esta occasião para transladarmos aqui notas biographicas de importantes revistas italianas e portuguezas sobre o merito do musicista primoroso e compositor fulgurante. O pouco que possamos dar extrahimol-o d'O Amphiom, o magnifico jornal de arte pouco avezo ao elogio e mais rigorista nos seus principios. É um



modesto que só um grande valor tem conseguido inferiorizar aquella qualidade, diminuindo o prejuizo que lhe tem causado. Vivendo para si e para a sua arte, os applausos e os encomios não o têm despertado para a exteriorização da vida; entregue ao gozo do seu intimo, tem olvidado do o que há de carencia para o artista, quando este se isola no seu merito e deixa que a fama leve nas azas pandas da reclame muita vulgaridade desvalorizada pelo commum. Apesar de todo o seu temperamento contrario á divulgação, Thomas Delnegro não tem conseguido passar desconhecido, razão pela qual o seu valor é de ha muito tempo conhecido, inclusive no Brazil, onde trabalhos seus têm merecido horosissimas referencias da imprensa e critica fluminense. Como Cyriaco Cardoso, Alfredo Kell, Freitas Gazul, Arnoso e outras celebridades musicas de Portugal, o maestro Delnegro é hoje no seu paiz um dos compositores valorizados pelo seu inconstestavel merito, valor que se accentuou desde o seu primeiro anno como discipulo do conservatorio de Lisboa, estabelecimento onde Delnegro tem o seu nome como o do alumno mais premiado. Mais tarde foi nomeado professor de instrumentos de metal do mesmo estabelecimento./ Cêrca de vinte e cinco annos foi o 1ª trompa de São Carlos, ocupando idêntico logar durante dois annos no Real Theatro de Madrid. Por essa occasião foi agraciado com a nomeação de musico da real camara da côrte de Madrid. Ao regressar ao seu paiz, o rei dom Fernando concedeu-lhe identica graça. Já no reinado do finado rei dom Luiz foi por este soberano agraciado cavalleiro da ordem de Christo. A notavel agremiação musical Vinte e Quatro de Junho, de Lisbôa, por diversas vezes o teve como seu director, e ainda estão á memoria de muitos os grandes concertos classicos que organizou em Portugal, por si dirigidos, e dos quaes faziam parte músicos taes como Barbieri, Metra, Ed.Colonne, Rodroff e outras notabilidades. Voltando novamente a Espanha, foi nomeado 1º trompa da grande sociedade de concertos de Madrid, e sócio honorario da Union Musical d'aquella cidade. Como maestro, tem regido as orquestras do Principe Real, Dom Affonso e São João, do Porto, e Gymnasio e Dona Amelia, de Lisbôa. Além de innumeras peças para piano, canto, bandas, pequenas operetas, revistas, etc, Thomas Delnegro tem partituras suas de um grande successo, como sejam: Kinfá na China, Filhos do Capitão Mór, Tentação, Kiki, Ilha do Diabo, Capitão Lobisomen, Aventura Regia, Basoche, Rosario - peças estas representadas nos theatros de Lisbôa, Porto e Rio de Janeiro, onde despertaram grande agrado. Não é, portanto,



uma vulgaridade o artista de quem hoje nos ocupamos; tem um passado supedaneando o presente, e este não é mais do que a prova da sua intelligencia, o resultado do seu estudo, a consequencia do seu trabalho. Apresentando-o, não o fazemos para os seus irmãos de arte, estes o conhecem pelo seu merito; trazemos o seu nome a publico como uma noticia que queremos dar e que despertará na nossa sociedade espiritual e de gosto delicado uma anciedade: alguns membros da honrada colônia portugueza, unidos a distinctos musicistas do Pará, promovem um sarau dramatico musical em homenagem ao nosso distincto hospede. Se visar este fim o motivo d'estas linhas, uma outra utilidade ellas tiveram: evidenciar o merito onde elle existe. (*A Provincia do Pará*, 9 dez. 1899, p. 3, seção Espectaculos e Concertos)

Thomaz Del Negro foi, pois, homenageado num concerto em benefício. O anúncio informava o programa e os artistas que nele ofereciam sua participação em pleito de admiração ao homenageado:

Theatro da Paz [...] Primeira Parte/ O dominó (zarzuela em 1 acto, musica de Estellez) pela Companhia Infantil; 2ª Parte/ 1-Canto da Noite, para trompa natural, pelo maestro Thomaz Delnegro./ 2-Sonata para violino e piano-Benjmamin Godart./ (a) Allº/ (b) Scherzo - Pelos maestro Sarti e Bosio./ As laranjas de Sabina (Tango brasileiro) por Julia Martins./ 4º-Melancholia, sólo para trompa de cylindros, pelo maestro Thomaz Delnegro./ Terceira Parte/ Pela grande banda militar sob a direcção do maestro Smido:/ 1-A. Adam - Ouverture da Opera Si J'etaisRoi./ 2ª-L. D. Smido - divertimento sobre motivos da opera Os Granadeiros (a pedido)/ 3ª - F. von Suppé - Ouverture poeta e Camponez. (*A Provincia do Pará*, 20 dez. 1899, p. 4, seção Anúncios)

Antes de sua efetiva partida, o maestro encontrou ainda um espaço para deixar registrada sua gratidão à sociedade que o acolhera e prestigiara nos últimos meses. Publica a imprensa a nota de despedida oficial de Del Negro:

Agradecimento/ De regresso á Europa, não posso furtar-me ao desejo de tornar bem manifesta a minha gratidão para com a illustrada imprensa paraense e todas as pessôas, que tantas fôram, que me honraram com a sua estima, e me acolheram prodigamente com os seus favores e amizade, durante a minha estada no Pará. Desejaria mencionar o nome de todos - de preferencia o nome de alguns que



fôram para mim verdadeiros amigos e que jamais poderei esquecer - mas são muitos e não pretendo ferir susceptibilidades. Apenas mencionarei, pois, nos meus protestos de viva gratidão, os exmos. srs. Sotero de Menezes, o digno cônsul portuguez no Pará e os meus illustres collegas, maestros Smido, Sarti e Bosio. A todos, finalmente, agradeço, penhoradissimo, a larga cópia de favores que se dignaram a dispensar-me, e que levo indelevelmente gravados no meu coração de artista. Pará, 31 de dezembro de 1899. - Th. del Negro. (*A Provincia do Pará*, 31/12/1899, p. 4, seção Livre)

No programa supra transcrito em benefício de Del Negro podem ser identificados como intérpretes, além do próprio homenageado, três professores do conservatório musical local, o Instituto Carlos Gomes (Facióla, Sarti e Bosio) e a Banda do Regimento Militar do Estado, sob a regência de Luiz Maria Smido⁵. Além desses, entretanto, figura a participação da Companhia Infantil. Esse foi justamente o grupo que sucedeu a companhia dirigida por Del Negro na programação do Theatro da Paz naquele semestre. Após a reprise de *A Basoche* (*A Provincia do Pará*, 18 dez. 1899, p. 4, seção Espectaculos e Concertos) e a estreia belemense de uma revista de costumes amazonenses adaptada ao Pará, Especial e Cia., que não teve boa aceitação por parte da crítica (ver *A Provincia do Pará*, 19 out. 1899 e edições subsequentes)⁶, uma série de récitas em benefício aos atores encerravam as atividades da Companhia Portuguesa de Operetas no Theatro da Paz. Sua última aparição deu-se em meados de novembro, como informa o anúncio:

Em beneficio do actor J. Paulo, um rapaz muito estudioso e correcto, digno por todos os motivos da proteção do publico, realiza-se hoje no theatro da Paz a primeira e unica representação da comedia drama original de Camilo Castello-Branco, O Assassino de Macario. Também pela primeira vez será representada a comedia em um acto o Primeiro desgosto. O beneficiado cantará a cançoneta Mamã deixou-me sahir. Os quadros do drama O martyr do Golgotha, **que a companhia Del Negro vae levar á scena para despedida do Pará**, intitulam-se: A vingança do bom ladrão; A lucta dos anjos; A fuga para o Egypto; A aparição de Magdalena; A cruz da redempção; o mau ladrão; O anjo Gabriel; Os condemnados á morte; o Judeu errante e A morte de Christo. (*A Provincia do Pará*, 12 nov. 1899, p. 4, seção Espectaculos e Concertos, grifo nosso)

⁵ Sobre as atividades do Instituto Carlos Gomes e da Banda do Regimento Estadual durante o período delimitado neste artigo, ver Barbosa (2012).

⁶ Com respeito a essa revista de costumes, Salles (1994, p. 172) informa que “teve boa acolhida. Houve, porém, crítica do Censor, [...] declarando que a peça ‘é um apanhado dos bordões carnavalescos e prima por grosseiras alusões e imoralidades”.



No palco do Theatro da Paz, lendário pelas temporadas de óperas que tinha se-
diado no passado, a Companhia Portuguesa de Operetas encontrou espaço, ainda
antes do fim daquele período de ausência da lírica no Pará, para o desenvolvimento
de suas atividades. Sua estada naquela casa serviu, por um lado, para preencher
a lacuna representada pela falta de óperas, suprimindo a necessidade que a elite
belemense tinha de espetáculos, por meio de provisão de boa sorte de operetas,
gênero que possuía como especialidade de seu repertório. Por outro lado, seria a
empreitada bem-sucedida mais recente associada a Juca de Carvalho na ocasião
em que o governo recebia propostas para o arrendamento do Theatro da Paz para
a temporada lírica do ano seguinte. Caso essa empreitada não tivesse alcançado o
êxito que alcançou, talvez o capítulo seguinte da cronologia lírica de Belém fosse
diferente.

REVISTAS COM A COMPANHIA INFANTIL DO RIO DE JANEIRO

A Companhia Infantil do Rio de Janeiro que, conforme já anteriormente dito, suce-
dera a Companhia Portuguesa de Operetas, na programação do Theatro da Paz, já se
fazia parte da vida musical de Belém daquele período através de sua atuação em um
dos teatros menores da cidade, conforme pode ser identificado no anúncio abaixo:

Theatro Chalet/ Grande companhia infantil do Rio de Janeiro/ Empresa-
Dias/ Repertorio especial para a festa de Nazareth/ Cançonetas,
duettos, tercettos, monologos,/ córos, burletas, joguetes e disparates
comico-lyricos, tangos, habaneras, etc./ Hoje - 16 de novembro - Hoje/
Patriotica Festa de Gala/ Para solemnizar a adhesão do brilhante Estado
do Pará e a proclamação da Republica. (*A Provincia do Pará*, 16 nov.
1899, p. 8)

Tendo por empresário Umbelino Dias e por maestro Alfredo Santos, a Companhia
Infantil apresentou, no período inferior a dois meses que faltava para terminar o ano,
um repertório constituído em sua maioria de revistas portuguesas, excetuando uma
zarzuela cômica, uma opereta e uma “peça sacra, mágica e phantástica” (*A Provincia
do Pará*, 10 dez. 1899, p. 4).

A exemplo do que acontecera com a companhia empresariada por Juca de Car-
valho, também a Companhia Infantil do Rio de Janeiro se inseria na programação
referente a datas comemorativas. O episódio que ilustra essa situação no curto pe-
ríodo de sua atuação no palco do Theatro da Paz é a récita dada em comemoração
à Restauração Portuguesa, conforme se vê no anúncio abaixo transcrito:



Do sr. Umbelino Dias, empresario da companhia Infantil, que trabalha actualmente no theatro da Paz, recebemos um delicado e attencioso cartão, em que nos convida para assistir ao espectáculo de gala que aquella companhia offerece amanhã, 1º de dezembro, á operosa colônia portugueza d'este Estado, em homenagem á passagem da gloriosa data, que na historia de Portugal traduz um dos mais bellos fastos da terra lusa - a restauração do domínio portuguez. O espectáculo será honrado com a presença dos srs. dr. governador do Estado, consul de Portugal, auctoridades civis e militares, directorias de muitas sociedades beneficentes, litterarias, sportivas, humanitarias, etc., nacionaes e estrangeiras. Abrirá o festival o patriótico Hymno da Restauração e em seguida será executado o pot-pourri da bellissima opera "Guarany". Finda esta peça subirá a scena a legendaria revista portugueza Tim tim por timentim, sendo no 3º acto exhibido um famoso panorama de Portugal. Terminará o espectáculo com uma brilhante apothéose allegrie á amizade dos dois paizes - Brazil-Portugal. Agradecidos pelo gentil convite, compareceremos. (*A Provincia do Pará*, 30 nov. 1899, p. 3, seção Espectaculos e Concertos)

Da referida fonte pode-se extrair não somente o aspecto artístico ligado ao espetáculo que contava com um variado e extenso programa, mas também o aspecto social. O prestígio que a sociedade belemense conferia à colônia portuguesa fica patenteado pela presença das autoridades políticas e institucionais da capital paraense ao concerto alusivo à data de significado lusitano. O sucesso do evento é comentado em nota publicada dois dias após:

Agradou muito o espectáculo de gala que ante-hontem, no theatro da Paz, levou a companhia Infantil, em hora á data, e offerecido á colônia portugueza. O Tim-tim por tim-tim mais uma vez arrancou applausos entusiasticos do publico paraense que, na noite de sexta-feira, foi especialmente render tributo de solidariedade fraternal á distincta colônia portugueza. Notamos satisfeitos que os hymnos nacionaes do Brazil e de Portugal fôram ouvidos por todos na compostura de respeito com que toda a multidão civilizada se porta em semelhantes occasiões. O espectáculo correu bem; as creanças revelaram-se na altura da melhor expectativa. Sobressahiram as pequenas Elvira e Cecilia, esta ultima com as promessas de um futuro artistico muito bem auspiciado. Uma das creanças, de nacionalidade portugueza, recitou uns bellos versos, cujo assumpto se prendia á commemoração. Antes da apothéose, que



foi muito applaudida, representando os monarchas portuguezes sob as bandeiras cruzadas dos dois paizes irmãos, um rapaz, da companhia, declamou com muita habilidade uma poesia analogo ao facto. Durante o espectáculo foram distribuidos avulsos, referentes á data de 1º de dezembro. Também foi distribuído um numero d'O Aprendiz, todo consagrado á gloriosa data portugueza. [...] Para hoje a companhia Infantil leva á scena O Fructo Prohibido. A empresa, em attenção a innumerous pedidos, exhibirá outra vez a admirável allegoria, - a amizade que une o Brazil a Portugal. Brevemente a mesma companhia nos dará a revista de costumes nortistas - Sahe... bochecha, original de Carlos Severo. (*A Provincia do Pará*, 3 dez. 1899, p. 4, seção Espectaculos e Concertos)

Diante de um público que parecia estar aberto à novidade, a Companhia Infantil do Rio de Janeiro ofereceu, mais uma vez em situação análoga à da Companhia Portuguesa, uma revista de costumes da região:

Theatro da Paz/ Grande companhia Infantil do rio de Janeiro/ empresa dias/ Maestro Alfredo Santos/ Hoje-Sexta feira, 15 de dezembro de 1899/ Primorosa novidade! Successo garantido!/ **Primeira representação da revista de costumes nortistas e paraenses, da actualidade** em 3 actos, 6 quadros e 2 apothéoses, com musica original dos maestros Alfredo Santos, Delnegro, Nocolino e outros, original de Carlos Severo: Sae... Bochecha! Esplendida apothéose representando a victoria das tropas portuguezas na Africa e prisão do rei Mataka Trinta e um numeros de musica Guarda-roupas, adereços e accessorios apropriados. scenarios pintados especialmente. (*A Provincia do Pará*, 15 dez. 1899, p. 8, grifo nosso)

Houve, como os comentários feitos até aqui sobre as duas Companhias que atuaram no Theatro da Paz no período em apreço possibilitam dimensionar, uma farta oferta de operetas e revistas, além de espetáculos em menor quantidade com outros gêneros de teatro musicado levados a palco na capital paraense. Tais espetáculos alcançaram boa aceitação por parte do público que frequentava maciçamente o teatro que os sediava. A arte portuguesa se fez representar nesse contexto por meio de repertório outrora estreado nos teatros lusitanos, bem como através de ilustres intérpretes especializados em gêneros filiados ao teatro musicado. Oportunidades de recíprocas homenagens e comemorações também atestaram para os fortes laços entre Brasil e Portugal em meio à elite social de Belém do Pará, ocasiões em que a música foi um importante veículo de aproximação.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa, Mário Alexandre Dantas. *Meneleu Campos (1872-1927), um compositor paraense: trajetória profissional e catálogo geral* (Dissertação de mestrado: Musicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Música, 2012.
- Páscoa, Marcio Leonel Farias Reis. *Ópera em Belém*. Manaus: Valer, 2009.
- Páscoa, Marcio Leonel Farias Reis. *Cronologia Lírica de Belém*. Belém: Associação Amigos do Theatro da Paz, 2006.
- Páscoa, Marcio Leonel Farias Reis. *A vida musical de Manaus na época da borracha (1850-1910)*. Manaus: Ministério da Cultura/FUNARTE, 1997.
- Rafael, Gina Guedes; Santos, Manuela, (orgs.). *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. 2 vols. Prefácio de Manuel Tengarrinha. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal / Ministério da Cultura, 2001.
- Salles, Vicente. *Épocas do teatro no Grão-Pará ou apresentação do teatro de época (Tomo I)*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1994.

PERIÓDICO

A Província do Pará (junho a dezembro de 1899) – Coleção Fundação Biblioteca Nacional (RJ) – Setor de Publicações Seriadas

MÁRIO ALEXANDRE DANTAS BARBOSA é docente no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, desde 2015. Doutorando em música (Musicologia) na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Música pela UFRJ (2012). Licenciado em Música pela UFRJ (2009). Atuou como professor substituto de História da Música e Música Brasileira (2015), na UFRJ. Autor de artigos publicados em anais de eventos científicos da área de música de âmbito nacional (ANPPOM) e internacional (SIMPOM, SIM-UFRJ, SIMA), bem como em periódico acadêmico especializado (Revista Brasileira de Música). Tem-se dedicado à pesquisa da música paraense do século XIX e XX, do periodismo musical brasileiro e da bibliografia musical com fins didáticos. Catalogou a obra completa do compositor paraense Otávio Meneleu Campos (1872-1927). Colaborou com o projeto Ópera na Amazônia, integrando a equipe de transcrição/revisão da ópera *Gli Erói*, de Meneleu Campos. Colabora com o Projeto *Bibliografia Musical Brasileira* da Academia Brasileira de Música, integra como pesquisador-assistente o Projeto RIPM-Setor Brasil e participa do Grupo de Pesquisa *Novas Musicologias* (PPGM-UFRJ).